

Espiritualidade e pregação em Tillich

Carlos Eduardo B. Calvani*

Resumo: Paul Tillich é muito conhecido pela densidade de seus textos acadêmicos. Porém, nem todos os atuais estudantes de Teologia sabem que Tillich também foi considerado um excelente pregador e que seus livros de sermões fizeram até mais sucesso de vendas que seus textos acadêmicos. O presente ensaio acompanha o modo como Tillich abordava as questões teológicas no púlpito, evitando a linguagem acadêmica e privilegiando um vocabulário mais simples, a fim de tornar o evangelho relevante aos ouvintes. O artigo também discute brevemente algumas questões ligadas à espiritualidade e como Tillich a entendia.

Resumen: Paul Tillich es muy conocido por la densidad de sus textos académicos. Sin embargo, ni todos los actuales estudiantes de teología saben que Tillich también fue considerado un excelente predicador y que sus libros de sermones hicieron hasta más suceso de ventas que sus libros académicos. El presente ensayo acompaña el modo como Tillich abordaba las cuestiones teológicas en el púlpito, evitando el lenguaje académico y privilegiando un vocabulario más simple, con el objetivo de tornar el evangelio relevante a los oyentes. El artículo también discute, brevemente, algunas cuestiones ligadas a la espiritualidad y como Tillich entendía la misma.

Abstract: Paul Tillich is well known for the density of his academic texts. However, not all of the current theological students know that Tillich was also considered an excellent preacher and that his books of sermons sold more than his academic texts. The present essay accompanies the way in which Tillich dealt with the theological issues in the pulpit, avoiding academic language and giving priority to simpler vocabulary, so as to make the Gospel relevant for its hearers. The article also briefly discusses some issues connected to spirituality and to how Tillich understood it.

* Professor na UNIFIL e Coordenador do Centro de Estudos Anglicanos (CEA).

Introdução

Durante os anos setenta, certos grupos evangélicos conservadores popularizaram no Brasil uma imagem distorcida de Tillich. Sempre que se referiam a ele, criticavam a linguagem filosófica de sua teologia, acusando-o de não dar importância às questões ditas “espirituais” ou à espiritualidade. Por isso, pode causar surpresa para algumas pessoas a afirmação de que Tillich também se preocupava com esse assunto. Naturalmente, ele nunca utilizou seus livros para falar de sua vida devocional. Quem lê a *Teologia sistemática* encontrará apenas algumas referências à oração na parte IV. Mas a obra de Tillich não se resume à *Teologia sistemática*. Se quisermos compreender um pouco do modo como o próprio Tillich lidava com a questão da espiritualidade, é necessário buscar especialmente seus sermões ainda inéditos em português, além de outros textos pouco conhecidos. Quem leu apenas a *Teologia sistemática* ou outras obras como *A era protestante*, *A coragem de ser* ou *Dinâmica da fé* certamente se surpreenderá com alguns de seus sermões. Ali aparece o Tillich pregador, tentando comunicar o que ele compreendia ser a mensagem do Evangelho de modo relevante aos ouvintes. No prefácio ao seu primeiro livro de sermões, *The Shaking of Foundations*, ele diz: “Agrada-me pensar que esses sermões talvez contribuam para mostrar que o caráter estritamente sistemático de uma teologia não constitui necessariamente um obstáculo para que essa seja ‘prática’, ou seja, aplicável aos problemas pessoais e sociais de nossa vida religiosa.”¹

Pretendo abordar o tema da espiritualidade e da pregação em Tillich através da análise de alguns sermões e conferências, especialmente uma série de conferências pronunciadas em fevereiro de 1963 (*Earl Lectures*) e só publicada recentemente a partir das fitas gravadas e de material datilografado fornecido pelo Arquivo Tillich da Harvard Divinity School². Sirvo-me também de um livro organizado por Mackenzie Brown, que reproduz trechos de uma semana de gravação de painéis de diálogo entre Tillich e os participantes de um seminário que discutia as implicações pastorais de sua teologia. O seminário aconteceu no verão de 1963 na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e foi restrito a um grupo de 18 estudantes de pós-graduação e alguns professores³. Outro texto no qual me baseio é o

1 Estou usando a tradução em espanhol, *Se conmueven los cimientos de la tierra*, Ariel, 1968, p. 9.

2 Paul TILLICH, *The Irrelevance and Relevance of the Christian Message*, edited by Durwood Foster and Mutie Tillich Foster, Cleveland, Ohio: Pilgrim, 1996.

3 Mackenzie BROWN (Org.), *Ultimate Concern – Tillich in Dialogue*, New York: Harper & Row, 1965.

artigo conclusivo do livro *Theology of Culture*⁴. Há ainda algumas referências a certos traços da personalidade de Tillich na interpretação de Rollo May⁵ e no livro escrito por Grace Calí (ex-secretária pessoal de Tillich na Harvard University, de 1955 a 1963)⁶. São textos que nos ajudam a compreender melhor o ser humano que se escondia por trás dos textos teológicos e dos sermões, e é por aqui que começo.

1 - Traços da personalidade de Tillich – o ser humano por trás do teólogo

Rollo May, que foi aluno e amigo de Tillich, tornou-se bastante conhecido nos círculos acadêmicos da psicologia norte-americana. Dentre os aspectos mais enfatizados por ele a respeito da personalidade de Tillich estão a intensidade com que se envolvia com um assunto quando este lhe interessava e a vitalidade que demonstrava, não se preocupando muito em esconder suas emoções publicamente. May comenta que, em várias ocasiões, às vezes até mesmo durante aulas e palestras, a voz de Tillich se embargava e seus olhos lacrimejavam, o que surpreendia a muitos. Diz ele:

Paulus nunca tentava esconder seu constrangimento ou desconforto a ponto de corar-se, o que me surpreendia, pois eu estava habituado com pessoas eminentes, especialmente professores, que encobriam suas emoções íntimas. Na condição de estudante, vi Paulus, em muitas reuniões em grupo, corando, olhando de um jeito meio desesperado ou andando de um lado para o outro no *hall* durante um recesso na discussão, e perguntava a mim mesmo por que ele não controlava suas emoções de maneira mais efetiva.⁷

Falando ainda sobre a intensidade desse amor pela vida, May recorda outro episódio – uma visita pastoral que Tillich fez a um hospital para encontrar uma amiga enferma. May o acompanhou e diz ter, ele próprio, saído mais confortado com as palavras que Tillich dirigiu à amiga: “Hellen, você deve amar a vida!”. Segundo May, ele comunicou a ela não apenas uma atitude em relação à vida, mas a vida em si mesma⁸.

4 Paul TILLICH, *Communicating the Christian Message: A Question to Christian Ministers and Teachers*, in: *Theology of Culture*, ed. Robert Kimball, New York: Oxford University, 1959. Na internet: Site: www.theology.ie/theologians/tillich.html. (acessado em 28.03.04). Para as citações utilizarei o livro indicado.

5 Rollo MAY, *Paulus – Tillich as Spiritual Teacher*, New York: Saybrook, 1987. Trata-se da edição revista e ampliada do livreto *Paulus, Reminiscences of a Friendship*, do mesmo autor, publicado originalmente em 1973 pela Harper & Row.

6 Grace CALÍ, *Paul Tillich First-hand – A Memoir of the Harvard Years*, Chicago: Exploration, 1995.

7 Rollo MAY, op. cit., p. 30.

8 Ibid., p. 85.

Essa vitalidade, porém, misturava-se com uma indisfarçada timidez. Tanto May quanto Calí informam que uma das coisas que muito incomodava Tillich era a fama que havia angariado nos círculos acadêmicos norte-americanos. May diz que Tillich tinha um temperamento tímido e que nunca conseguiu lidar muito bem com a condição de celebridade. Isso é confirmado por Grace Calí, que narra uma conversa que teve com Tillich numa cafeteria na Harvard Square no início dos anos sessenta:

Durante nosso café eu brinquei de leve com uma questão referente a um recente artigo de revista sobre ele. “E como é ser uma celebridade?”

“Esse Paul Tillich”, ele disse reflexivamente, “quem é ele? Ele é um estranho para mim”.

“Como assim?”

“Esse Tillich sobre quem eles escrevem – de fato não sou eu. Eu sou duas pessoas. E uma não tem nada a ver com a outra”.

“E como você se sente em relação a esse Paul Tillich famoso?”

“Curioso”, ele respondeu rapidamente.

Senti um sentimento de rejeição pela figura pública em seu tom de voz, junto com um atordoamento infantil.⁹

A interpretação que May faz da personalidade de Tillich revela que o teólogo viveu de modo muito pessoal e intenso o significado da ambigüidade existencial. Frequentemente era acometido por momentos de angústia e ansiedade que o levavam a se desligar dos acontecimentos à sua volta e se recolher em mutismo e solidão. Porém, sempre voltava do isolamento renovado por uma força misteriosa que o tornava ainda mais criativo. May chega a comparar a vida de Tillich à de alguém que pedala uma bicicleta: está continuamente sob o risco de cair e sabe que o único meio de evitar a queda é manter o equilíbrio através de constante movimentação. De fato, só alguém que experimentou de modo intenso o desespero, a ansiedade e a angústia e, ao mesmo tempo, encontrou coragem para lidar com essa situação existencial poderia escrever reflexões tão profundas como as que lemos em *A coragem de ser*. Os bons intérpretes de Tillich sempre são sensíveis o suficiente para compreender que as entrelinhas de seus textos revelam uma intensa luta criativa entre a fé e a dúvida. Ele mesmo costumava dizer: “Algumas vezes penso que minha missão é trazer fé aos incrédulos e dúvidas aos que crêm.”¹⁰ Não se tratava, porém, da dúvida como método inte-

⁹ Grace CALÍ, op. cit., p. 59.

¹⁰ Rollo MAY, op. cit., p. 71.

lectual à semelhança de Descartes, mas de dúvida existencial experimentada às vezes de modo angustiante, mas sempre criativo. Isso era possível porque, apesar do caráter racional de seu sistema, Tillich entendia a palavra “razão” como *logos*, estrutura significativa da realidade e encontrava sinais da manifestação do *logos* na tradição dos místicos alemães e do pietismo que caracterizou sua infância e adolescência. Essa herança mística deu uma base cósmica à sua racionalidade.

No início dos anos sessenta, quando finalizava o volume III da *Teologia sistemática*, Tillich experimentou de modo muito intenso a ansiedade e o desespero diante de impasses e brechas que ele mesmo encontrava em seu sistema. Escrevendo a um amigo, ele afirma: “Estou mais preocupado do que nunca. O sistema esfacelou-se. O que devo fazer? Recolher os pedaços? Declarar que a tentativa falhou? Tentar novamente – é o que provavelmente irei fazer... Tudo isso é semelhante ao que experimentei quando tinha 12 anos de idade: a opressão da ansiedade em relação ao trabalho inacabado!”¹¹ May recorda ainda outra frase dita certa vez por Tillich: “Toda manhã, das 7 às 10, eu convivo com os demônios.”¹²

A estratégia de Tillich para enfrentar esses momentos de angústia e depressão estava no recolhimento e isolamento. Ele acreditava firmemente que a solidão é necessária para qualquer ser humano preservar sua capacidade de presença criativa. De fato, ninguém pode ser originalmente criativo se não preservar momentos de solidão. A solidão oferece a oportunidade de aprofundamento e clareza. May diz que Tillich era zeloso de sua solidão e fazia questão de preservar tais momentos em sua rotina diária de trabalho. Dependendo da época, esses momentos aconteciam no início da manhã ou após o jantar até o início da madrugada. Grace Calí também comenta sobre essa necessidade de solidão:

Eu chegava geralmente às 10 horas. Tillich chegava antes porque sempre fazia questão de ter um precioso momento de solidão durante pelo menos meia hora. Eu às vezes imaginava o que ele fazia durante esse tempo em que ficava sozinho no escritório fechado... mais tarde descobri que ele lia a Bíblia e meditava nela e em textos budistas, de religiões orientais ou em obras de místicos. Sua sala particular era decorada com ícones, quadros e algumas estátuas de deusas, o que criava uma aura de misteriosa sabedoria e serenidade [...] Seu período de silêncio e renovação cada manhã era inviolável antes de começar os trabalhos e atividades do dia. Ele me recomendava não lhe passar ligações telefônicas durante esses momentos.¹³

11 Ibid.

12 Ibid., p. 76.

13 Grace CALÍ, op. cit., p. 17-18.

A importância desses momentos de solidão é afirmada por Tillich num sermão baseado em Mateus 14.23 (a narrativa em que Jesus se afasta da multidão e sobe a um monte para orar, em solidão). No sermão, Tillich observa que a palavra “isolamento” tem uma característica negativa – expressa a dor de estar sozinho e é fonte de melancolia, porque ninguém escapa do isolamento da própria culpa e da morte que é só nossa e de mais ninguém. A palavra “solidão”, por sua vez, tem características positivas, pois expressa a glória de estar sozinho. Isso significa que, de certo modo, depende de nós transformar a destrutividade do isolamento em solidão criativa. Falando de si mesmo no sermão, ele diz que freqüentemente se retira para estar só com sua solidão.

O que acontece em nossa solidão? Tillich diz que, nesses momentos, encontramos-nos no campo de batalha entre a criatividade e a destrutividade, entre Deus e os demônios. Por isso, a solidão não é algo fácil. Muitos a temem e tentam superar a solidão com orações que acabam por transformar Deus em um parceiro na conversa, ou seja, nós usamos Deus para escapar da solidão. Mas Tillich observa que, às vezes, Deus mesmo nos afasta da multidão para que penetremos uma solidão que não desejávamos. Nesse ponto, ele cita o profeta Jeremias: “Sozinho eu permaneço, porque a Tua mão tem estado comigo” e acrescenta:

Deus quer que façamos a pergunta da verdade que pode nos isolar da maioria dos homens e que pode ser feita somente em solidão. Ele quer que rompamos com os modos rotineiros [...] um rompimento que só pode acontecer em solidão. Ele quer que penetremos as fronteiras de nosso ser, onde o mistério da vida aparece, e ele só pode aparecer em momentos de solidão.¹⁴

Essa insistência de Tillich na solitude ou “solidão criativa” corresponde a uma espécie de exercício devocional para a preservação de nossa unidade enquanto seres humanos, com vistas à nossa autocentralidade. Na parte final do sermão, Tillich afirma que uma hora de solidão consciente enriquece nossa criatividade mais que várias horas tentando aprender processos criativos e desafia os ouvintes a encararem de modo positivo e criativo a solidão, tomando-a como um momento na presença do eterno, e afirma que “uma hora de solidão pode nos aproximar muito mais daqueles a quem amamos que muitas horas de comunicação”. Ao final do sermão, utiliza a técnica homilética da linguagem direta aos ouvintes: “Na pobreza da solidão, todas as riquezas estão presentes. Ousemos experimentar a solidão – nos deparar com o eterno, encontrar o outro, ver-nos a nós mesmos.”¹⁵

14 *The Eternal Now*, New York: Charles Scribner's Sons, 1963, p. 24.

15 *Ibid.*, p. 25-26.

À luz dessas considerações iniciais, vamos, antes de comentar alguns de seus sermões, chamar a atenção para alguns princípios metodológicos de sua teologia e de sua prática homilética.

2 - O método da correlação na prática da pregação

Por volta dos anos cinqüenta, Tillich passou a ser muito requisitado para pregar em cultos na capela das faculdades onde lecionava e, eventualmente, em igrejas que o convidavam ou em cerimônias organizadas por amigos. Em geral, não recusava os convites porque esses eram recebidos como a oportunidade de aplicar seu método de correlação em contato direto com pessoas diferentes, o que exigia uma adaptação dos conceitos teológicos à linguagem dos símbolos da fé. A preparação de um novo sermão era para ele um desafio tão grande quanto o trabalho acadêmico:

Sempre caminhei para um púlpito ou uma escrivaninha com temor e tremor. Mas o contato com a platéia me dá um sentimento característico de regozijo, o regozijo da comunhão criativa, de dar e receber, mesmo quando os ouvintes não falam.¹⁶

A prática de Tillich enquanto pregador era bastante coerente com o método da correlação, diferindo apenas no tipo de linguagem utilizada, pois sempre evitava em seus sermões longas explicações filosóficas ou conceituais que seriam mais apropriadas para os textos acadêmicos. Para ele, “a verdadeira comunicação do Evangelho consiste em tornar possível uma decisão definitiva por ele ou contra ele”¹⁷. Acompanhando a conclusão da coletânea *Theology of Culture*, observamos que a argumentação de Tillich segue muito de perto o esquema tradicional da teologia luterana: o que possibilita a atualidade da pregação é o fato de que o Evangelho oferece a resposta divina à situação humana em todas as épocas e culturas. O pólo da “situação” é descrito sempre em termos existenciais: ansiedade decorrente da sujeição ao destino e à morte. Desse modo, a primeira coisa a ser feita quando se comunica o Evangelho é auxiliar o ser humano a compreender sua própria situação, mostrando como estamos envolvidos pelas estruturas da ansiedade, dos conflitos e da culpa. A primeira tarefa do pregador então seria oferecer uma descrição da existência humana que seja acolhida pelos ouvintes como um espelho para que contemplem a si mesmos de modo

16 In: Charles KEGLEY, Robert BRETALL (Eds.), *The Theology of Paul Tillich*, New York: Macmillan, 1961, p. 15.

17 *Theology of Culture*, p. 202.

claro. Estamos aqui no próprio interior do método da correlação em sua primeira fase – a análise da situação.

Porém, a situação humana, que é um dos pólos do método da correlação, está continuamente mudando em sua configuração social e cultural, e, por isso, a tarefa teológica nunca está concluída, mas é sempre posta novamente de modo diferente devido ao constante dinamismo da história. Para Tillich, o movimento cultural que, em sua época, oferecia a melhor descrição da situação humana, incluindo os problemas da culpa, dúvida, absurdo, ausência de sentido, desumanização do ser humano através do acelerado processo da tecnologia e da própria morte, era o existencialismo. A linguagem religiosa que caracteriza essa situação humana está expressa na palavra “pecado”, entendida como alienação existencial e *hybris*.

O existencialismo oferece, portanto, um caminho para identificar esses dois aspectos do pecado: alienação e *hybris*. Tillich parecia assustado com a corrida espacial do final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, encarando-a como uma forma de *hybris* coletiva com trágicas consequências para a visão sacramental do mundo: “A própria terra tornou-se um objeto que o astronauta observa de cima para baixo; e perdeu o que originalmente significava para a humanidade: a mãe natureza, que nutre e alimenta.”¹⁸ O existencialismo proporcionou a Tillich a possibilidade de penetrar as entranhas da cultura, analisar a razão calculista que domina o mundo e denunciar a desumanização do ser humano. Essa desumanização opera em vários níveis, particularmente o cientificismo que a tudo define (e ele evoca aqui a raiz latina *definere*, que significa “circunscrever a uma realidade finita”), o acelerado processo tecnológico e a psicologia comportamental de Skinner, a quem ele critica dizendo que “sua técnica de controle da mente e condicionamento tiram até o direito à angústia. Os seres humanos são obrigados a ser felizes... Mas o que produz não é um ser humano feliz, e sim um animal abençoado. Esse é o propósito do skinnerismo.”¹⁹ O existencialismo aparece então como

um diagnóstico da situação da personalidade moderna, da negatividade do mundo determinado apenas pela linha horizontal, pela razão calculista e técnica e pelo controle objetivo. E mostra algo mais: a importância da ansiedade, angústia, nossa culpa, finitude, solidão e absurdo [...] por isso devemos considerar o existencialismo como um sinal da providência divina. Se fizermos isso e soubermos utilizar a riqueza do existencialismo, então os símbolos cristãos poderão novamente ser relevantes.²⁰

¹⁸ *The Irrelevance and Relevance of the Christian Message*, p. 25.

¹⁹ *Ibid.*, p. 32.

²⁰ *Ibid.*, p. 40.

Porém, é preciso lembrar que Tillich sempre frisou que o existencialismo oferece uma descrição acurada da situação, mas não oferece a resposta. Essa tem que vir de fora ou do alto, do transcendente, do Eterno. Em todo caso, a análise existencial determina o tipo de resposta que a pregação cristã deve assumir, analisando o abismo entre nossa existência atual e o que essencialmente somos.

Temos então a segunda parte do método da correlação: a tarefa do pregador cristão não é apenas descrever a situação humana para afundar os ouvintes em maior desespero. O Evangelho deve comunicar uma resposta consoladora capaz de mostrar que o poder do Novo Ser tal como manifesto em Cristo participou radicalmente dessa situação humana e a ela não sucumbiu. Sob as condições da existência, o ser humano é incapaz de vencer a alienação e religar-se novamente com Deus, com o mundo e consigo mesmo; por isso, a reunião de tudo o que está separado deve vir de outra fonte – o Novo Ser. Apenas o Novo Ser pode produzir novidade de vida. O Novo Ser aparece em Jesus como o Cristo, alguém que viveu sob as mesmas condições da existência humana e ainda assim foi capaz de resistir às forças da alienação e não perder sua unidade com Deus. Em Cristo, o Novo Ser é real; ele restabelece a unidade entre Deus e o homem. A vitória do Novo Ser sobre as marcas da alienação em Jesus enquanto o Cristo possibilita a mesma experiência a todos que participam nele. Por isso, o cristianismo “é a mensagem de uma nova realidade que possibilita a realização de nosso ser essencial”²¹.

Na série de conferências sobre a relevância da mensagem cristã, em 1963, Tillich diz que essa metodologia, que ele chama “teologia da mediação”, sempre esteve presente na história do cristianismo, desde o quarto evangelho, passando pelos apologistas, Orígenes, Agostinho, Abelardo, Ockham e chegando a Schleiermacher. Ao mesmo tempo, reconhece outra linha que também sempre esteve presente no cristianismo: a teologia querigmática, que enfatiza a oposição da mensagem cristã frente a toda situação e o caráter absolutamente outro de Deus. Essa linha procede de Tertuliano, Atanásio, Bernardo, aparece em alguns movimentos sectários, no fundamentalismo e em Barth. Porém, aqui em 1963, o tratamento dispensado por Tillich à teologia querigmática é bem mais positivo que as palavras da Introdução à *Teologia sistemática*. Ele reconhece, por exemplo, que o querigma e a mediação sempre andaram juntos e são necessários. Segundo ele, “isso indica que ambos os modos de pensamento são necessários para a

21 *Theology of Culture*, p. 211.

igreja cristã no mundo, mas ambos portam o perigo de tornar o cristianismo irrelevante”. Tillich está em pleno momento autocrítico de revisão de sua obra. Usando um conceito muito caro a ele, eu chamaria isso de a “ambigüidade da opção metodológica”. Observemos essa frase autocrítica de 1963:

A teologia da mediação corre o risco de distanciar-se da mensagem original. Por outro lado, a teologia da afronta pode negar a possibilidade de qualquer relação. A primeira torna-se irrelevante por adaptação, a segunda por oposição. Ambas são igualmente perigosas se permanecerem isoladas. Avaliando o sentimento que muitos têm sobre a irrelevância da mensagem cristã, encontro alguns que afirmam que o motivo disso é que não há relação ou conexão com nossa situação. Mas, surpreendentemente, também encontro muitos que dizem que ela nada comunica porque não tem o poder da proclamação, da afronta, que pertence a tudo o que é divino. Portanto, a mediação e a ofensa devem ser mantidas vivas na pregação e no ensino cristão.²²

A relevância da pregação cristã, porém, não é provada pela frequência habitual aos sermões. Isso não significa que a mensagem cristã esteja sendo relevante para as pessoas. Tillich reconhece que, freqüentemente, as pessoas que assistem com regularidade aos serviços religiosos simplesmente precisam participar de algum ato sociologicamente significativo. O que torna a mensagem cristã relevante é a resposta que ela oferece às questões existenciais da humanidade, possibilitando esperança, sentido e coragem para viver. Isso nos remete à consideração sobre o conteúdo da mensagem cristã.

2.1 - O conteúdo da pregação

O cerne da pregação do Evangelho é a mensagem da salvação através do Novo Ser manifesto em Cristo e em sua cruz. Tillich não se cansa de repetir que “Cristo é o lugar onde a Nova Realidade está completamente manifesta porque nele, em todo momento, é vencida a ansiedade da finitude e dos conflitos existenciais.”²³ Avaliando a linguagem ontológico-existencialista da cristologia de Tillich, Maraschin pergunta se a pregação do Novo Ser não seria “demasiadamente abstrata para efetuar o que pretende, ou seja, a transformação das pessoas e das estruturas do mundo”²⁴. Tillich não era ingênuo quanto a essa limitação. De fato, o conceito é abstrato e, por

22 *The Irrelevance and Relevance of the Christian Message*, p. 9 e 25.

23 *Theology of Culture*, p. 212.

24 Jaci MARASCHIN, A linguagem ontológico-existencialista de Tillich, *Paul Tillich, 30 anos depois*, Revista *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, Ciências da Religião, n. 10, p. 79, 1995.

isso, sempre que o utilizava nos sermões, Tillich apontava também para a linguagem religiosa (Jesus enquanto o Cristo), frisando que “Jesus Cristo” não é simplesmente um nome e um sobrenome, mas uma linguagem simbólica derivada do mito-de-origem do cristianismo – o “evento Cristo” no qual o Novo Ser se manifestou para a história.

Tillich sempre foi acusado de transformar o Jesus histórico no Cristo mítico ou de privilegiar o que alguns chamam “Cristo da fé”. Quando eu fazia pesquisa no Arquivo Paul Tillich da Harvard nos EUA, ouvi uma piada que não sei se tem fundamento histórico, mas que circulou amplamente nos EUA. Dizem que, durante uma aula sobre cristologia, Tillich falava sobre a ressurreição, e um aluno lhe perguntou o que ele diria caso antropólogos encontrassem um corpo em Jerusalém e comprovassem ser o corpo de Jesus de Nazaré; ao que Tillich respondeu: “Eu me surpreenderia muito, e diria: Ah! Então ele existiu mesmo?”

Para melhor compreendermos essa questão, é preciso verificar o que Tillich entendia por “evento Cristo”. Esse sempre tem dois lados: o fato histórico de Jesus de Nazaré e a recepção do impacto dessa vida por aqueles que o reconhecem como o Cristo. Na conferência de 1963, ao falar das possibilidades de tornar a mensagem cristã relevante para seu tempo, ele menciona o “evento Cristo” e enfatiza:

Eu repito: o evento tem dois lados: o lado factual e o lado da recepção; e ambos são necessários. Cristo, em termos estritamente teológicos, não poderia ser o Cristo sem a igreja, ou seja, a comunidade que o recebe. E a igreja não pode ser a igreja sem o Cristo sobre quem ela está baseada e fundamentada. Isso significa que o cristianismo não está baseado simplesmente em uma idéia ou um conjunto de símbolos. Eles estão ali e são utilizados. Mas a igreja está baseada em algo que aconteceu no tempo e no espaço – o aparecimento de um homem que é chamado Jesus, que foi recebido pelos discípulos como o Cristo esperado [...] Esse é o pano de fundo da relevância essencial do Cristianismo, a relevância de um evento histórico com significado universal para toda a história humana.²⁵

A título de exemplo, Tillich destaca o quarto evangelho como modelo de relevância da mensagem cristã, argumentando que o mesmo não se propõe a contar uma “história” da vida de Jesus à semelhança dos sinóticos, mas interpretar a relevância de sua mensagem e falar do modo como essa foi recebida pelas comunidades ligadas à tradição do discípulo amado. O que interessa, portanto, é a imagem bíblica de Cristo como portador do Novo Ser e a recepção desse poder.

25 *The Irrelevance and Relevance of the Christian Message*, p. 46-47.

Não tenho certeza dessa afirmação, mas parece que, no final dos anos cinquenta e início dos sessenta, Tillich acompanhou com atenção o movimento de retorno ao “Jesus histórico” empreendido por Ernst Käsemann (1953), Günther Bornkamm (1956) e Joachim Jeremias (1960). Em todo caso, para ele, a discussão sobre o Jesus histórico é apenas periférica porque o fundamento da fé não pode ser confirmado ou negado pela historiografia. O conteúdo salvador do evento Cristo como Novo Ser é dado pelo impacto do significado da cruz de Jesus e de sua ressurreição. Na *Teologia sistemática*, Tillich observa que a ressurreição de Cristo é a permanente e indelével fusão da graça salvífica em toda a história com Jesus e sua cruz e, juntamente com a teologia da cruz, forma o núcleo do “evento Cristo”. Assim, teologia da cruz e teologia da ressurreição se implicam mutuamente.

O critério da cruz é utilizado por Tillich para apontar outro sinal da irrelevância da mensagem cristã: o paradoxo das igrejas. Essa questão é abordada no volume III da *Teologia sistemática*, publicado no mesmo ano das *Conferências Earl* (1963). Opto aqui por citar um trecho dessa conferência, porque a linguagem mais devocional se aproxima mais dos propósitos deste trabalho:

Quando olho para as igrejas atuais, freqüentemente fico escandalizado pela profundidade desse paradoxo: representar o Reino de Deus ou, em outras palavras, a Comunidade Espiritual e, ao mesmo tempo, distorcê-lo tanto. Mas quando esse sentimento me abate, inclino meus olhos para fora das igrejas e, de repente, num culto em uma pequena comunidade ou em um ato de amor inspirado pelos símbolos bíblicos ou pela figura de Jesus, algo rompe toda fraqueza, banalidade e corrupção das igrejas atuais. Isso provavelmente tem acontecido com todos nós.²⁶

A herança luterana aparece na consideração sobre o paradoxo das igrejas cristãs – essas são, simultaneamente, santas e pecadoras. Esse paradoxo reside no fato de que suas formas institucionais encobrem e ocultam o sentido último do evento de Jesus enquanto o Cristo. Glorifica-se o invólucro em detrimento do conteúdo. Por isso, é necessária a mensagem da cruz, que anuncia o juízo divino contra toda religião: “A relevância do cristianismo será assegurada por essa autonegação. Sem essa contínua autonegação, o cristianismo não é verdadeiro cristianismo e não será relevante.”²⁷

Só é possível compreender os sermões de Tillich se atentarmos para sua compreensão do conteúdo da mensagem cristã, o querigma essencial do Novo Ser (em termos paulinos, a “nova criatura” ou a “nova criação”)

²⁶ Ibid., p. 48.

²⁷ Ibid., p. 52.

em Jesus Cristo como “poder de salvação” (*Teologia sistemática*, vol. II, parte II) capaz de vencer o conflito entre o ser essencial e a existência distorcida comunicando o caráter tríplice da salvação: Regeneração (participação no Novo Ser), Justificação (aceitação do Novo Ser) e Santificação (transformação pelo Novo Ser).

A coletânea *The New Being* traz um sermão intitulado “O Novo Ser”, baseado em Gálatas 6.15 (“nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura”). Seguindo a argumentação paulina, Tillich afirma que “não importa ser judeu ou gentio. A única coisa que importa é a união com Aquele em quem a Nova Realidade está presente”; por isso o cristianismo enquanto religião particular pouco interessa, por ser tão importante quanto a circuncisão ou a incircuncisão, nada mais, nada menos. Observemos novamente a técnica homilética da linguagem direta: “Nenhuma religião particular interessa, nem a minha nem a sua. O que eu quero lhe dizer é que algo aconteceu que realmente importa, algo que julga a você e a mim, sua religião e a minha religião. A Nova Criação começou; o Novo Ser apareceu; e nós somos chamados a participar dessa realidade.” Aqui ele remete novamente à imagem do Cristo, dizendo: “O Novo Ser se manifesta em Cristo porque nEle as forças da alienação nunca foram capazes de superar a unidade entre Ele e Deus, entre Ele e a humanidade, entre Ele e Ele mesmo... Ele representa e medeia o poder do Novo Ser porque representa e medeia o poder de uma união inseparável.” O uso da linguagem direta é retomado na conclusão, numa espécie de “apelo” aos ouvintes: “A reconciliação acontece agora... Aceite-a, deixe a tomar conta de você.”²⁸

2.2 - A forma da pregação e o problema da linguagem

No livro organizado por Mackenzie Brown, a questão da pregação cristã, especialmente da linguagem, aparece num diálogo travado entre Tillich, um professor e um aluno não identificados. Reproduzo abaixo um trecho desse diálogo para compreendermos melhor como Tillich lidava com essa questão:

Professor: Então, se você tivesse um grupo que aceitasse literalmente os símbolos, você iria falar a eles naquela linguagem, se possível. Mas, uma vez que não é possível falar apenas para aqueles que estão em uma categoria ou outra, é inevitável que aqueles que aceitam o cristianismo em um sentido fundamentalista e literal ouvirão e interpretarão mal uma parte do que está sendo dito?

²⁸ *The New Being*, New York: Charles Scribner's Sons, 1955, p. 16-24.

Tillich: Sim. Realmente este é o problema da pregação. Eu creio que seria muito difícil para você encontrar em meus sermões quaisquer declarações diretamente negativas, até mesmo contra o literalismo. Eu simplesmente me controlo nessa situação. Por exemplo, os relatos da ressurreição: eu não critico em meus sermões as histórias altamente poéticas da sepultura vazia, embora o tenha feito em minha teologia e o tenha criticado em meus livros. Mas eu falo o que aconteceu com Paulo e os outros apóstolos, como Paulo descreve isso em 1 Coríntios 15. Esse é um método de pregar que eu recomendaria para todos os sermões.

Aluno: Dr. Tillich, este problema não me ocorreu até agora, mas, já que você o mencionou, não vejo como você poderia falar a um grupo de pessoas que aceita literalmente os simbolismos da Bíblia sem se conscientizar sobre a idolatria que é expressa em sua interpretação literal.

Tillich: Você tem razão. Minha resposta é muito simples: se eles perguntam, eu respondo. Se eles não perguntam e esperam que eu lhes dê ajuda e conforto em alguma situação da vida, como em funerais, então há aquelas grandes palavras de Paulo em 1 Coríntios 15: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó sepultura, o teu aguilhão?” Em tais circunstâncias a questão sobre literalismo e não literalismo não existe, porque nós temos o poder da palavra.

Em outro diálogo reproduzido nesse livro, Tillich esclarece que se preocupa primeiramente com os ouvintes que estão em dúvida e questionam a validade dos símbolos cristãos, mas reconhece haver também outros dois tipos de pessoas que o escutam: os que não questionam os símbolos cristãos (e, quanto a esses, Tillich afirma ser sensível o suficiente para não se tornar uma pedra de tropeço à sua fé) e os que já passaram por esses dois estágios e sabem que, embora ele utilize a linguagem dos símbolos, não os interpreta de modo literal. Na mesma resposta, ele acrescenta que a atmosfera litúrgica na qual o sermão é pregado não é apropriada para a discussão teológica e, mais à frente, adverte que não se devem usar conceitos como “Fundamento do Ser” ou “Ser em Si” na linguagem devocional:

Tillich: Eu considero a situação daquelas pessoas que estão em dúvidas ou separadas ou em oposição a tudo que é eclesial e religioso, incluindo o cristianismo. Tenho que falar a elas. Meu trabalho é com aqueles que questionam, e é por eles que estou aqui. Pelos outros que não questionam tenho o grande desafio de ser sensível... devido ao temor de me tornar uma pedra de tropeço para os novos crentes. Quando estou pregando um sermão – então estou bastante consciente do que estou fazendo –, eu falo para as pessoas que são inabaláveis em suas crenças e sua aceitação dos símbolos, em uma linguagem que não irá minar sua crença, e para aqueles que, de fato, estão em uma situação de dúvida e desespero. E espero falar também para

um terceiro grupo, que já passou pelos dois estágios e agora está habilitado novamente a ouvir a mensagem, liberto das velhas dificuldades. Posso falar para essas pessoas, e elas são capazes de me entender, mesmo quando eu uso os símbolos antigos, porque sabem que não os uso em sentido literal... Liturgias têm uma atmosfera de santidade necessária, boa e muito importante para um culto devocional. Mas tal atmosfera não é apropriada a uma discussão teológica.²⁹

Para ser comunicativa e eficaz, a linguagem própria ao ambiente homilético, portanto, não pode ser a mesma dos textos acadêmicos. Pode causar surpresa a alguns imaginarem Tillich em um púlpito dizendo palavras e frases semelhantes a algumas que ouvimos em pregações de evangelistas televisivos: “Há algum lugar vazio em sua alma? Benditos são aqueles cujas mentes e corações estão abertos. Vamos manter nossos ouvidos e corações abertos. Há uma Palavra do Senhor, uma palavra para mim, aqui e agora; uma palavra para você e para nosso mundo.”³⁰

2.3 - A preocupação com a relevância do cristianismo

Na conferência de 1963, Tillich identifica alguns sintomas da irrelevância da mensagem cristã em seu tempo, chamando a atenção para o problema da perda do poder original dos símbolos cristãos decorrente da confusão entre fé e crença. Fé, já sabemos, é o estado de ser tomado pelo último. A pessoa participa nesse estado com toda sua personalidade, incluindo os elementos teóricos, práticos e emocionais. Nada tem a ver, portanto, com a aceitação de doutrinas. Aí reside, para Tillich, o problema central da linguagem cristã: a identificação do poder salvífico comunicado pelos símbolos cristãos com as doutrinas formuladas a partir dos mesmos. A “verdade cristã” não é a “verdade doutrinária”, mas a verdade que é o próprio Cristo enquanto portador e comunicador do Novo Ser. Isso é esclarecido de modo brilhante no sermão intitulado “O que é a verdade?”. Partindo da pergunta de Pilatos a Jesus (“O que é a verdade?”), Tillich busca no evangelho joanino alguns ditos de Jesus sobre a verdade, sempre apontando para Ele mesmo: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida... a verdade vos libertará” (Jo 14.6 e 8.32). Em um trecho do sermão, ele vai dizer:

Jesus não é a verdade porque seu ensino seja verdadeiro. Mas seu ensino é verdadeiro porque expressa a verdade que é Ele mesmo. Ele é maior que suas palavras. Ele é maior que qualquer palavra sobre Ele. A verdade que nos faz

29 Mackenzie BROWN, *Ultimate Concern*, op. cit., p. 191.

30 *The New Being*, p. 124.

livres não é o ensino de Jesus nem o ensino sobre Jesus. Aqueles que são chamados a ensinar a “verdade de Jesus” acabam por escravizar as pessoas à servidão de uma nova lei. São aqueles que aceitam Jesus como pregador infalível ou doador de uma nova lei. Os ensinamentos de Jesus não devem ser usados como uma coleção de prescrições infalíveis para a vida. Eles apontam a verdade, mas não são a verdade. Também não são as doutrinas sobre Ele que nos libertam. E eu lhes digo isso na condição de alguém que tem dedicado a vida e o trabalho em prol de uma verdadeira expressão da verdade que é Cristo... tudo o que aprendemos de nossos mestres e do ensino da igreja, em todas as gerações, não é a verdade que nos liberta. A igreja muito cedo esqueceu a palavra do Evangelho de que Ele é a verdade, e passou a confundir suas doutrinas sobre Ele com a verdade que Ele é.³¹

Outros motivos da irrelevância da mensagem cristã hoje seriam a deformação do conteúdo da pregação cristã em moralismo ético, o ensino conformista das escolas dominicais, a falta de vitalidade, coragem, alegria e visão sacramental do mundo nos próprios líderes cristãos, o desinteresse da igreja para com os problemas sociais especialmente das classes oprimidas e a falta de paixão na liderança cristã, mais ocupada com a preservação institucional. Ainda assim, Tillich manifesta profundo otimismo ao dizer: “A despeito de todas essas manifestações de irrelevância, há indivíduos para quem a mensagem cristã continua sendo significativa”. E pergunta: “A mensagem cristã pode voltar a ser significativa? Eu acredito que é possível.”³²

Talvez seja a hora de inserir um pequeno parêntese sobre a aplicação do método da correlação à nossa situação hoje. Em sua época, Tillich identificou no existencialismo a possibilidade de decifrar as entranhas de nossa civilização ocidental e utilizou vastamente a linguagem existencialista nos textos acadêmicos e nos sermões. Quase 40 anos após sua morte, nosso desafio é outro. Higué considerou oportunamente que “não podemos, enfim, esquecer-nos do fato de que Tillich elaborou as questões e as respostas de uma situação diferente da nossa. Mesmo assim, é possível que, no desencanto característico da nossa época em relação aos grandes projetos coletivos, as questões existenciais da alienação e da perda de sentido encontrem surpreendentemente uma nova relevância, vinculada aos sofrimentos e às opressões suportadas pelas grandes massas da humanidade.”³³ A frase de Higué aponta para um conjunto de preocupações geradas pelo

31 *The New Being*, op. cit., p. 70.

32 *The Irrelevance and Relevance of the Christian Message*, p. 22.

33 Etienne HIGUET, O método da Teologia Sistemática de Paul Tillich – a relação da razão e da revelação, in: *Paul Tillich, 30 anos depois*, Revista *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, Ciências da Religião, n. 10, p. 42, 1995.

desencanto para com a modernidade que, por falta de melhor terminologia, vem sendo chamado “pós-modernidade”. Seria esse então o grande desafio para o primeiro momento do método da correlação: a compreensão de nossa situação em termos pós-modernos e a resposta cristã oferecida também em termos pós-modernos. Resta saber se a própria pós-modernidade aceita os termos nos quais o método da correlação foi elaborado, ou seja, num paradigma ainda “moderno”. A esta pergunta não tenho ainda uma resposta precisa.

3 - O método da correlação na prática homilética e algumas considerações sobre “espiritualidade”

Tillich acreditava que as pessoas faziam perguntas sobre a natureza do ser em relação com suas próprias vidas. Sempre atento ao “espírito” de sua época, ele mesmo tendia a abordar nos sermões questões sobre vida e morte, ansiedade ontológica e abandono. Coerente com seu método, Tillich nem sempre começava com o texto bíblico, e sim com análises culturais da situação do mundo ou da congregação. As perícopes ou versículos nos quais baseia seus sermões são tomados como “inspiração” para um diálogo com a comunidade, e há poucos indícios de algum esforço exegético nos textos bíblicos. Essa questão da hermenêutica bíblica foge aos propósitos deste trabalho, embora seja bastante instigante, e fica como um desafio ao pessoal que lida com hermenêutica bíblica.

Temos, ao todo, 63 sermões publicados nos três livros. A grande maioria baseia-se no Novo Testamento, especialmente nos evangelhos. Há 11 sermões baseados no Evangelho de João, dez em Mateus, cinco em Lucas e quatro no Evangelho de Marcos. Dos textos paulinos, Tillich privilegia especialmente Romanos (oito sermões) e 1 Coríntios (sete vezes). O Antigo Testamento serve como base 22 vezes, com especial predileção pelos profetas (seis sermões baseados em Isaías, quatro em Jeremias e um em Ezequiel) e os Salmos (oito sermões baseados nos Salmos). Não é possível, portanto, analisar um a um. Selecionei alguns que me pareceram mais relevantes para nosso propósito de buscar pistas sobre a linguagem homilética que não pode ser a mesma do ambiente acadêmico e também sobre o que costumeiramente chamamos “espiritualidade” ou “vida devocional”:

3.1 - A situação humana – as marcas da alienação, as preocupações preliminares e a possibilidade de salvação

No segundo volume da *Teologia sistemática*, Tillich discute as marcas da alienação humana e o conceito de pecado, lembrando que a palavra “alienação” não pode substituir o termo “pecado”, porque este expressa

com mais agudeza o caráter pessoal da alienação, terminando por dizer que “a palavra ‘pecado’ pode e deve ser restaurada”. Verificamos que, no contexto litúrgico, ele evita o termo “alienação” e opta pelo uso do conceito teológico tradicional, reconhecendo que, às vezes, nos envergonhamos em usar essa palavra por sabermos o quanto ela foi distorcida. Ainda assim, afirma que não adianta amenizar o termo substituindo-o por um conceito menos agressivo como “fraqueza humana”. Essa argumentação está no sermão baseado em Romanos 7 (“o bem que quero, isso não faço”). Ali ele descreve “pecado” como um poder que repudiamos e, ao mesmo tempo, aceitamos. Somos fascinados por ele e lhe obedecemos, embora saibamos que ele nos destruirá. Isso significa que “estamos fascinados por aquilo que pode nos destruir e, em certos momentos, acalentamos o desejo secreto que ele, de fato, nos destrua”³⁴, o que gera culpa. Pecado é tomado no singular, como um poder que habita em nós, nos controla e nos faz agir como não desejamos.

Uma das marcas da alienação humana é a perda da preocupação última em detrimento das preocupações preliminares. *Ultimate concern* é um dos conceitos mais conhecidos de Tillich. Parece que o próprio Tillich nunca se satisfaz com uma só definição desse conceito, pois faz várias tentativas de esclarecê-lo na *Teologia sistemática* e em outros textos. Em linhas gerais, designa aquilo que é incondicional, total, infinito, que não depende de condições de caráter, desejo ou circunstância e que se opõe a toda preocupação preliminar ou finita. A palavra “preocupação” ou “interesse” aponta para o caráter existencial da experiência religiosa. É matéria de paixão e interesse infinitos. A preocupação última do ser humano é estruturante e seu objetivo na existência. Tillich encontra na narrativa de Lucas 10.38-42 (Marta e Maria) a possibilidade de esclarecer o conceito aos ouvintes. Sua analogia acompanha as interpretações tradicionais: Maria está preocupada com algo que é de caráter último, infinito, a presença de Jesus. A preocupação de Marta com os afazeres diários denota, por sua vez, ansiedade pela vida. Essa é a ponte para Tillich dizer que nos preocupamos com nosso trabalho, com nossos relacionamentos e amizades, conosco mesmos, com nossa sobrevivência, com nosso país. Essas preocupações parciais são tirânicas porque exigem a totalidade de nossos corações, mentes e forças e tentam tomar o lugar da preocupação última. Maria torna-se modelo para a existência humana que reconhece a parcialidade e finitude de nossas preocupações diárias e que, diante da presença do Eterno, percebe que nada é mais importante que estar aos seus pés³⁵.

34 *The Eternal Now*, p. 50, 52.

35 *The New Being*, p. 152-160.

A ambigüidade humana é destacada também em outro sermão baseado no Salmo 8. Aqui há vários temas, entre eles a teologia da criação. Tillich fala da superioridade humana sobre outras formas de vida e da fraqueza e insignificância do ser humano quando esse se depara com a grandeza do cosmos e da criação. Esse choque ontológico gera angústia. Nesse ponto, Tillich apela para o Cristo: “Há um homem em quem Deus encontrou sua imagem de forma não distorcida... – o Cristo – a terra, contaminada pelo homem, é purificada e consagrada através de um homem.” A resposta para o sentido da vida humana sobre a terra está em reconhecer o Eterno no tempo presente, onde o passado e o futuro se encontram: “Somente o eterno pode nos dar a certeza de que a terra e, com ela, a humanidade não existiram em vão, mesmo que a história chegue a um fim amanhã. Pois o fim último está onde o primeiro início está, nEle, em quem um século é como um dia.”³⁶

3.2 - O agir de Deus: perdão, conforto e graça

A linguagem usada na *Teologia sistemática* ou em *A coragem de ser* sobre Deus como “Fundamento do Ser” que transcende todo ser e a totalidade dos seres (a criação), “O Ser-em-Si”, além do contraste entre ser essencial e existencial ou “Deus-além-de-Deus”, desaparece completamente nas homilias. Uma delas, baseada no Salmo 139, apresenta Deus em categorias muito semelhantes à idéia do Sagrado em Otto. Deus interpenetra tudo e não é possível evitar sua presença nem mesmo fugindo para o *Sheol*. Usando a linguagem bíblica, Tillich pergunta: “para onde me ausentarei do teu espírito?” e diz:

O homem que nunca tentou fugir de Deus é aquele que nunca teve a experiência do Deus que é realmente Deus. Quando falo de Deus, não me refiro aos muitos deuses de nossa própria criação, aos deuses com quem podemos viver com certa tranqüilidade. Não há nenhuma razão para fugir de um deus que é a imagem perfeita de tudo que o homem considera bom em si mesmo. Por que fugir de um Deus assim? Por que fugir de um Deus que nos serve tão bem? Não, estas não são as imagens do verdadeiro Deus, mas sim as do homem que tenta fazer um Deus à sua própria imagem e para seu próprio consolo [...] Um deus a quem podemos suportar com facilidade, um deus de quem não temos que nos ocultar, um deus a quem nunca odiamos, um deus cuja destruição nunca tenhamos desejado, esses deuses não são em absoluto Deus e não têm realidade alguma.³⁷

36 *Ibid.*, p. 76, 78.

37 *Se conmueven los cimientos de la tierra*, op. cit., p. 74-75.

A consciência da diferença qualitativa entre Deus e o ser humano no estado de alienação (pecado) é fonte de culpa e tormento. Como vencer essa culpa? Somente pelo recebimento do perdão divino. Dois sermões tratam especificamente sobre esse tema, e neles Tillich esforça-se por apresentar uma mensagem positiva de consolo e esperança para os ouvintes. No primeiro, baseado em Filipenses 3.13 (“esquecendo-me das coisas que para trás ficam, avanço...”), Tillich afirma que só há um tipo de esquecimento capaz de nos libertar da culpa e do sofrimento: o arrependimento no sentido bíblico (voltar atrás, deixar o caminho errado e trilhar o rumo certo). Esse tipo de perdão é decisivo para nossa vida. Servindo-se da experiência de Paulo, ele afirma que só podemos prosseguir à frente porque nossa culpa é “eternamente perdoada”. Somente isso pode nos tranquilizar frente ao que a linguagem bíblica chama “juízo final”. Aqui, ele sente a necessidade de explicar o sentido da expressão (juízo final):

a separação em nós – e em todas as coisas – daquilo que é verdadeiro e decisivo do que foi meramente transitório e vazio de significado último [...] Esse julgamento acontece todos os momentos em nossas vidas, mas o processo está oculto no tempo e se manifestará apenas na eternidade. Por isso, é preciso empurrar para o passado e esquecer o que deve ser esquecido para sempre, e caminhar à frente, para aquilo que expressa nosso verdadeiro ser e que não será esquecido na eternidade.³⁸

O arrependimento que traz o perdão não é um ato sentimental de remorso perante más ações, mas um ato integral da pessoa, através do qual se experimenta espiritualmente a integração no momento presente daqueles elementos de bondade e retidão perdidos no passado. Desse modo, o sentido dos fatos passados pode ser mudado na experiência presente, e o nome desse processo é perdão. Essa argumentação se encontra no sermão baseado em Apocalipse 21.6 (“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim”). É uma mensagem de consolo e orientação espiritual. A experiência do perdão tem a ver com a consciência espiritual da presença graciosa de Deus no momento presente, redimindo o passado e reunindo tudo com vistas à glorificação futura, ou a essencialização. O perdão assim compreendido tem um poder curador e apaziguador das ansiedades. Conforme Tillich, “pessoas que nunca estão conscientes do eterno perdem a possibilidade de descansar no presente... Mas Aquele que era e que há de vir, o começo e o fim, perdoa o passado e nos dá coragem para o que há de vir. Ele nos dá descanso em sua Presença Eterna.”³⁹

38 *The Eternal Now*, p. 35.

39 *Ibid.*, p. 132.

O perdão oferecido por Deus tem o efeito de produzir amor em quem é perdoado. Esse tema aparece no sermão baseado na perícopa de Lucas 7.36-47 (a mulher pecadora que ungiu os pés de Jesus). A interpretação que Tillich dá ao dito de Jesus no versículo 47 é bastante original: “Não é o amor da mulher que traz seu perdão, mas é o perdão que ela recebe que cria seu amor. Jesus não perdoa à mulher. Ele declara que ela está perdoada.” A influência da teologia de Lutero é bastante explícita. Enquanto nos sentimos rejeitados por Deus, não poderemos amá-lo. Ele aparece a nós como um poder opressor, como aquele que nos dá leis de acordo com seu prazer, que julga de acordo com seus mandamentos e que condena de acordo com sua vontade. Mas, diz ele, “aquele que ama a Deus é também capaz de aceitar a vida e amá-la... aquele que está reunido com Deus, o fundamento criativo da vida, o poder da vida em tudo o que vive, está reunido com a vida”. Assim, “ser perdoado e ser capaz de aceitar a si mesmo são a mesma coisa. Ninguém pode aceitar a si mesmo enquanto não sente que é aceito pelo poder da aceitação maior que ele.” Essa é a função do ministério cristão. “O perdão é a maior experiência que alguém pode ter.” Isso não acontece frequentemente, diz Tillich, mas quando acontece, “ela decide e transforma tudo”⁴⁰.

Através da iniciativa do perdão, Deus manifesta sua graça eterna para com o ser humano. A graça qualifica toda relação entre Deus e o ser humano. Procede de Deus e não depende do desejo das criaturas. A experiência da graça é a recepção do perdão no centro de uma personalidade. O amor divino em relação com uma criatura injusta é graça; é aceitação total do inaceitável por parte de Deus. Como infusão do amor, a graça é o poder que vence e reúne o que está separado por causa do pecado. Ela pode ser vista em dois aspectos: provê participação no ser de todas as coisas infundindo amor e plenificando o que está incompleto.

Tillich também se preocupava em transmitir aos seus ouvintes palavras de esperança e conforto. Um dos sermões em que essa intenção está bastante explícita baseia-se nas famosas palavras de Paulo em Romanos 8.38-39 (“nada pode nos separar do amor de Deus”). Ele inicia a mensagem dizendo que essas palavras estão entre as mais poderosas já escritas e que em sua própria experiência pessoal essas palavras demonstram força e poder consoladores. Porém, o que as faz tão poderosas não é seu sentido literal, mas o fato de anunciarem que Cristo conquistou os poderes que governam o mundo. A partir daí, o quadro da vida em nossa sociedade é

40 *The New Being*, p. 7-13.

pintado em tons fortemente existencialistas, destacando a insegurança e a sujeição aos poderes impessoais que governam o mundo e que tentam nos afastar do amor de Deus. Esses poderes, chamados “anjos e principados”, apontam para realidades que são simultaneamente gloriosas e terríveis, realidades plenas de beleza, mas também de destrutividade. Essas realidades estão em todos nós, em nossas famílias, em nossas nações, em nosso mundo, e o sinal que as identifica é a mistura de “uma fascinação irresistível e a ansiedade incontestável”. Por isso, “nenhuma segurança é garantida a ninguém; nem casa, nem trabalho, nem amigos, nem família, nem países – nada garante a salvação”. Mas é nesse momento que surge a adversativa: “apesar de...”, “a despeito disso...”, a mensagem cristã anuncia “a coragem de dizer sim à própria vida, a despeito das forças destrutivas, a despeito da insegurança da existência diária, a despeito das catástrofes da existência e da perda de sentido no mundo”. Ninguém compreende adequadamente a teologia de Tillich sem dar atenção a essa importante adversativa: “apesar de...”, “a despeito de...”. O tom confortador da mensagem de Tillich se torna mais forte quando ele fala da fé enquanto coragem de aceitar a vida em um poder maior que a vida, capaz de nos dar a certeza de que os poderes que dominam o mundo, ainda que possam destruir nossas vidas na existência, não podem destruir o sentido último de nossas vidas. Ao final, reproduzindo as palavras de Paulo, ele frisa que esse poder salvífico e vitorioso está “em Jesus Cristo, nosso Senhor”⁴¹.

3.3 - A presença do Espírito no ser humano

Na mesma linha de mensagens direcionadas a oferecer palavras de conforto, segurança e paz em meio às dúvidas, temos dois sermões cujo foco central é a presença do Espírito de Deus no espírito humano. O primeiro baseia-se no versículo: “O próprio Espírito testifica com nosso espírito que somos filhos de Deus”. Conforme Tillich, quando Paulo escreve essas palavras, está reconhecendo que nosso espírito é incapaz de nos dar segurança da filiação divina: “Nosso espírito, ou seja, nossa mente natural, nosso pensamento, nossa vontade, nossas emoções, a totalidade de nossa vida interior, não podem nos dar a certeza de que somos filhos de Deus.” Novamente temos a adversativa: “apesar disso”, o Espírito de Deus toma conta de nossa debilidade – “No momento em que nos sentimos separados de Deus, em que nossa vida carece de sentido e em que estamos condenados ao desespero, mesmo nesse momento não estamos sós.”⁴²

41 Ibid., p. 50-69.

42 *Se commueven los cimientos de la tierra*, p. 223 e 215.

O mesmo tema volta a ser abordado com palavras mais diretas aos ouvintes no sermão “Presença Espiritual”, baseado em 2 Coríntios 3.5-6 (“[...] nossa suficiência vem de Deus que nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, mas o espírito vivifica”). Aqui sua pneumatologia é anunciada em palavras mais simples: “O Espírito não é uma substância misteriosa; não é uma parte de Deus. É Deus mesmo; mas não é Deus enquanto fundamento criador de todas as coisas e nem Deus dirigindo a história e manifestando-se a si mesmo num evento central, e sim Deus enquanto presente em comunidades e personalidades, tomando-as, inspirando-as e transformando-as.” Esse talvez seja um dos sermões em que mais transparece a base mística da teologia de Tillich. A influência do misticismo germânico lhe deu uma base cósmica capaz de temperar a racionalidade. De fato, quem lê esse sermão sem saber que é de Tillich poderia dizer que é a mensagem de algum líder místico ou dos movimentos de renovação carismática. A declaração de Paulo de que “nossa suficiência vem de Deus” é a ponte para Tillich estabelecer um diálogo com os ouvintes através de palavras bastante diretas:

Você pode dizer: “Nunca experimentei esse poder”... De fato, o poder do Espírito pode provocar êxtase de um modo que nunca experimentamos. Pode nos conduzir a um tipo de auto-sacrifício que não estamos dispostos a fazer... pode nos inspirar a *insights* da profundidade do ser que permanecem inalcançáveis para a maioria de nós... mas onde está o Espírito, aí há uma possibilidade, ainda que mínima, de êxtase; um elemento, ainda que fraco, de consciência do mistério da existência. Mas o Espírito pode trabalhar de outras formas e em outros graus ou níveis – através de uma leve, mas insistente voz, fazendo-lhe ver que sua vida é vazia de significado, mas que há uma chance de nova vida esperando atrás da porta; o Espírito pode lhe dar a coragem de dizer sim à vida, a despeito da destrutividade que você experimenta em si mesmo e ao seu redor; o Espírito pode fazer com que você ame, com o amor divino, alguém que lhe desagrada profundamente ou alguém por quem você não se interessa; o Espírito pode libertá-lo da inimizade oculta, pode lhe dar a vitória sobre a ansiedade e pode lhe dar um poder de orar que ninguém tem, exceto através da Presença Espiritual. [...] Você não pode forçar o Espírito sobre si mesmo... Podemos esperar por ele, podemos clamar por ele, mas não podemos forçá-lo.⁴³

43 *The Eternal Now*, p. 81-91

3.4 - Características da vida sob o Espírito: coragem, sabedoria e doação

Uma das características da vida sob o Espírito é a coragem de aceitar, pela fé, o paradoxo de nossa insuficiência ontológica, a insignificância e até mesmo o desespero: o ato de aceitar a insignificação é em si um ato significativo. É um ato de fé porque “no ato da coragem de ser, a potência do ser é efetiva em nós. Cada ato de coragem é uma manifestação do fundamento do ser”⁴⁴. Dificilmente tal linguagem seria compreendida pelas pessoas que freqüentam igrejas e que não estão acostumadas ao vocabulário filosófico. Mas o tema é abordado num sermão, a partir das palavras de Paulo: “Permanecei firmes na fé, fortalecei-vos. Todos os vossos atos sejam feitos em amor” (1 Co 16.13-14). Aqui, Tillich enfatiza a necessidade de aceitar nossa covardia, falta de fé e o fato de que não somos capazes de amar. Esse é o primeiro passo para tornar-se forte: aceitar a própria fraqueza. A recomendação bíblica – “permanecei firmes na fé” – não significa “permanecer firmes nas doutrinas cristãs”. Nesse sentido, é bastante coerente com as palavras do livro *A coragem de ser*: “A fé que cria a coragem para incorporar a dúvida e a insignificação não tem, em si, um conteúdo especial. É simplesmente fé, não dirigida, absoluta”⁴⁵. Trata-se de

permanecer em algo que é mais forte que o universo físico, social e espiritual, algo que não pode ser abalado, porque todos os níveis do universo repousam nesse algo, seu fundamento divino. Permanecer nesse fundamento é, nas palavras de Paulo, permanecer na fé. Permanecer firmes na fé não é aderir a uma série de crenças; não requer de nós a supressão da dúvida. Ser forte, conforme Paulo, inclui coragem.⁴⁶

A vida sob o Espírito também outorga sabedoria. Sabedoria, porém, não deve ser confundida com racionalidade. Tillich sempre diferenciou razão técnica de razão ontológica e nunca admitiu a redução da religiosidade aos limites da razão. O conhecimento outorgado pelo Espírito não é meramente “racional”. Por isso, ele prefere o termo bíblico “sabedoria”, num sermão baseado em Provérbios 9.10 (“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria”), enfatizando que ninguém se torna sábio sem um encontro com o Sagrado: “Sem a experiência com o mistério da vida, não há sabedoria.”⁴⁷

Essa diferenciação entre sabedoria e racionalidade aparece nova-

44 *A coragem de ser*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p. 140.

45 *Ibid.*, p. 137.

46 *The Eternal Now*, p. 143-153.

47 *Ibid.*, p. 163-172.

mente num sermão sobre a capacidade da autodoação, da entrega e da generosidade absolutas. Esse tema é desenvolvido a partir de Marcos 14.3-9 (o relato da mulher que unge Jesus em Betânia com perfume caro e é reprovada pelos discípulos). Em sua analogia, a mulher representa o elemento extático em nossa relação com Deus, enquanto os discípulos representam o elemento racional. Na interpretação de Tillich, Jesus repreendeu os discípulos porque viu o coração abundante da mulher e o aceitou sem analisar outros elementos. Ou seja, sem abundância de coração nada de grande pode acontecer. O Messias defende a mulher porque ele mesmo deveria perder a si mesmo para se tornar o Cristo. Aqui aparece de forma veemente a crítica a uma religião dentro dos limites da razão ou da razoabilidade. Para Tillich, essa “é uma religião mutilada” porque “amor calculado não é amor”. A linguagem direta surge novamente na parte final com um apelo aos ouvintes: “Não reprima em você mesmo os impulsos de fazer o mesmo que a mulher de Betânia fez. Você será repreendido pelos discípulos de Jesus como a mulher foi. Mas Jesus estava ao lado dela e estará também ao seu lado.”⁴⁸

3.5 - Espiritualidade: o paradoxo da oração e o reconhecimento da presença de Deus em tudo através da ação de graças

A oração é parte tradicional da vida devocional cristã. Esse tema é abordado diretamente em pelo menos duas mensagens. A primeira, baseada em Romanos 8.26-27 (“não sabemos orar como convém, mas o Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis... segundo a vontade de Deus”), inicia criticando a superficialidade das chamadas orações “espontâneas” ou daquelas fixadas em formas litúrgicas. Se a oração litúrgica corre o risco de tornar-se mecânica, a chamada “oração espontânea” tende a transformar Deus num interlocutor com quem se conversa para pedir favores, deteriorando o mistério da oração. Seguindo Paulo, Tillich afirma que é humanamente impossível orar: “Nunca devemos nos esquecer disso quando oramos: estamos fazendo algo humanamente impossível. Conversamos com alguém que não é simplesmente alguém ao lado de outros, mas que está mais perto de nós que nós mesmos, que nos conhece melhor que nós mesmos.” A solução para esse paradoxo é apresentada de forma misteriosa: o abismo entre nós e Deus só pode ser vencido por Deus mesmo, e, por isso, é Deus mesmo quem ora em nós e através de nós. A afirmação “Deus mesmo em nós” é o que significa Espírito. Espírito é outra palavra para

48 *The New Being*, p. 48.

designar a “presença de Deus” no ser humano. Tillich afirma ainda: “Como a oração é humanamente impossível, ela nos leva a um nível profundo de consciência, algo acontece que não pode ser expresso com palavras. Palavras, criadas por e usadas em nossa vida consciente, não são a essência da oração. A essência da oração é o ato de Deus que está agindo em nós e nos conduz à totalidade do seu próprio ser.”⁴⁹ Por isso é que a verdadeira oração pode ser encontrada em formas não especificamente religiosas, principalmente nas artes.

Um dos elementos da vida religiosa que melhor expressa a fé, a coragem da auto-aceitação “apesar de” e a esperança é a gratidão. No sermão sobre gratidão baseado em 1 Tessalonicenses 5.16-17 (“Orai sem cessar. Em tudo dai graças...”), Tillich afirma que o sacrifício de ação de graças testemunha nossa transitoriedade e finitude e é importante para nos manter conscientes de que tudo vem de Deus. Reconhece que “freqüentemente não sabemos como agradecer, mas a abundância de um coração grato louva a Deus mesmo que não o faça através de palavras”. Nesse sermão ele serve-se de uma ilustração: “Perguntaram a alguém se ele orava e ele respondeu: ‘Sempre e nunca’. Isso é estar consciente da presença divina, mesmo que raramente sejam usadas palavras de oração e gratidão para expressar essa consciência.” Desse modo, o imperativo “em *tudo* dai graças” não é uma ordem para se orar a toda hora, mas para estar consciente da presença de Deus em todas as situações e momentos da vida. Citando 1 Timóteo 4.4, Tillich lembra que dar graças tem a função de consagrar ou transferir algo que pertence ao mundo secular para a esfera do santo. Por isso, costumamos consagrar o alimento diário. É um ato devocional importante porque testemunha que “tudo o que é criado se torna portador da santidade. Podemos dar graças por tudo isso a despeito de nossa rejeição por aqueles que, sendo fanáticos ascetas e puritanos, blasfemam contra o Deus da criação. Tudo pelo qual agradecemos com boa consciência é consagrado a Deus por nossa oração.”⁵⁰

3.6 - A salvação no presente: consciência da unidade última de todas as coisas em Deus

Muitos já observaram que Tillich manifesta em seus textos um forte anseio por unidade. Higué pergunta se nesse anseio não encontramos “o perigo do monismo imanentista, do panteísmo, o risco de apagar a distinção

49 Ibid., p. 135-138.

50 *The Eternal Now*, p. 173-185.

entre Deus, o mundo e a humanidade?”⁵¹. Esse “monismo” seria a crença de que tudo o que existe, tudo o que faz parte do mundo criado e da existência, está relacionado nas profundezas e participa da tragicidade existencial, mas também da salvação universal. De fato, algumas declarações de Tillich nos sermões reforçam tais suspeitas. Por exemplo, quando ele se pergunta sobre as injustiças sociais, as desigualdades e a miséria, afirma: “Não há resposta para tais questões na história. Apenas na unidade de todos os seres no tempo e na eternidade, pode haver uma resposta possível para a humanidade. Há uma unidade última de todas as coisas, enraizada na vida divina da qual emerge e para a qual retorna. Todos os seres, não humanos e humanos, participam nela. E assim participam uns nos outros. Quando nos tornamos conscientes dessa unidade de todas as coisas, algo acontece em nós.” Porém, há um elemento que diferencia seu monismo de outros tipos de monismos orientais: o escândalo da cruz. Na continuidade desse mesmo texto, à luz dessas perguntas sem resposta, Tillich situa o coração da mensagem cristã: no fato de que “Deus, tal como manifesto em Cristo na cruz, participa totalmente na morte do seu filho, na condenação do criminoso, na desintegração da mente e mesmo na rejeição humana de si mesmo. Não há uma só condição humana em que a presença divina não penetre. Isso é o que a cruz nos revela.”⁵²

As afirmações de Tillich que levantam suspeitas de panteísmo devem ser vistas, creio eu, à luz de sua fé na possibilidade da salvação ser experimentada hoje, no eterno agora, e não apenas num momento futuro. Nas considerações escatológicas da *Teologia sistemática*, ele já afirmava que a vida divina é a eterna conquista do negativo e que vida eterna é vitória total e completa sobre todas as ambigüidades da vida e auto-integração sem ambigüidade. Os sermões sempre frisam que “há um único Salvador em quem o cristianismo vê o poder salvífico sem limites, a vitória decisiva sobre os poderes demoníacos, capaz de derrubar o muro da culpa que nos separa do eterno, o portador da luz da nova realidade no homem e em seu mundo”. Essa salvação, porém, é universal e não apenas individual: o mundo deve ser salvo: “A reunião com o eterno de onde viemos e do qual estamos separados e para onde devemos retornar é prometida para tudo o que existe. Somos salvos não como indivíduos, mas na unidade com todas as outras criaturas e com o universo.” Esse é mais um sermão que termina com um típico apelo em linguagem direta aos ouvintes: “Não resista!”⁵³

51 Op. cit., p. 51.

52 *The Eternal Now*, p. 36-46.

53 *Ibid.*, p. 121-122.

4 - Paradoxo e ambigüidade da espiritualidade no próprio Tillich

Muitos líderes cristãos costumam reclamar que as pessoas projetam neles seus ideais de uma vida espiritual plena e significativa, o que nem sempre acontece. Muitos de nós aqui presentes que tivemos ou ainda temos atividades pastorais sabemos o que isso significa. Quem lê os sermões de Tillich também pode ficar com a impressão de que estamos diante de alguém que superou as ambigüidades da vida e que vive constantemente a presença do Eterno. Mas talvez esse paradoxo seja a tragédia maior daqueles e daquelas a quem Deus chama para serem portadores/as de sua Palavra de juízo e salvação, conforto e esperança: todos nós tentamos descobrir nas Escrituras Sagradas uma mensagem para nossa própria ansiedade e angústia, nossas dúvidas e incertezas, nossos momentos de dor e desespero. Tillich também vivia intensamente tais sentimentos. Há um trecho importante do livro de sua ex-secretária que mostra o quanto ele mesmo se angustiava com sua vida, seu trabalho e sua atividade enquanto pregador. O relato é de Grace Calí:

Lembro-me de um dia que foi particularmente diferente. Às 9 e 45, o telefone na minha mesa tocou: “Grace, você tem trabalho mais do que suficiente para se manter ocupada...? Então, por favor, eu quero ficar só.” Sua voz estava tensa, baixa... cansada.

“Você está bem, Paulus?”, disse eu, sentindo que alguma coisa estava de fato muito errada. “Sim e não, minha querida... Falo com você mais tarde. Não transfira as ligações. Apenas se for realmente uma emergência.”

Inquieta e intrigada, voltei aos textos manuscritos que estava datilografando. Por volta de 3 e meia, Tillich me chamou novamente. Sua voz continuava pesada. “Venha já”, disse ele sem rodeios e silenciosamente desligou.

Ao bater na espessa porta de carvalho, ouvi sua poltrona arrastando no assoalho de madeira e seus passos firmes cruzarem a longa sala de estudos. Em respeito à sua privacidade, eu nunca usava minha própria chave quando sabia que ele estava. O rosto que encontrou meus olhos não era aquele radiante e caloroso como de costume.

“Entre, querida”, ele me saudou de maneira quieta. “Este é um dia muito ruim para mim. Terrível!” E recostou-se para trás em sua cadeira na escrivaninha. Olhei para ele apreensivamente enquanto pendurava meu casaco. “O que foi, Paulus?”

“Tudo... e nada. São as pessoas. Tumultuam minha cabeça. Não há sossego. Tantos problemas... Mas, não...!” Ele se virou abruptamente. “Não..., de fato, sou eu.” Ele suspirou pesadamente, e sua voz estava muito baixa: “Grace, tudo que está em meus sermões é o que eu não sou!”

Alguns momentos se passaram lentamente. “Eu sinto que você parece estar criticando a si mesmo em seus sermões.”

Ele inclinou sua cabeça em concordância muda.

É por isso que era uma tortura para ele compor os sermões! Certa vez ele me disse que na verdade eles eram uma forma de poesia. Longe de querer passar um sermão, eles de fato eram uma conjectura auto-analítica dentro das profundezas psicológicas e espirituais dos problemas pessoais que encontram eco nas pessoas em todo lugar.

Mas o reconhecimento de hoje implicava muito mais. Verdadeiramente, para conhecer o homem Tillich, devem-se ler seus sermões. Às vezes eles parecem quase pessoalmente dolorosos. Hoje seu senso de insatisfação consigo mesmo chegava ao ponto do desespero.

“Sabe, Paulus”, disse eu hesitante, “sempre pergunto a mim mesma como você não ficou esquizofrênico.”

Às minhas palavras, ele endireitou-se em sua poltrona. “Mas é justamente isso – eu sou esquizofrênico!”⁵⁴

Não pretendo, naturalmente, tomar a narrativa acima como exemplo de algo que acontecesse freqüentemente com Tillich, visto que a própria narradora menciona o episódio como algo diferente do normal. Em todo caso, não deixa de revelar um pouco do ser humano por trás do teólogo como alguém que levava muito a sério as questões existenciais, que se sentia pressionado e que escrevia sermões como quem escreve poesia, ou seja, como um ato auto-reflexivo, importante para o próprio equilíbrio espiritual e importante também para todos quantos participam da tragicidade da vida e buscam respostas na fé.

Grace Calí está correta ao dizer que, para conhecer o homem Tillich, é preciso ler seus sermões. Eles revelam alguém profundamente comprometido não apenas com o trabalho intelectual, mas também com a relevância e aplicabilidade do exercício acadêmico na vida das pessoas. Os sermões de Tillich mostram que o trabalho acadêmico não está dissociado da prática pastoral nem da espiritualidade. Quem os lê, hoje, certamente se sentirá desafiado a estabelecer pontes entre a pesquisa acadêmica e a prática pastoral. Usando uma expressão típica da linguagem devocional, podemos afirmar que os sermões de Tillich comunicam vida, espiritualidade e compromisso com o Eterno e com as pessoas na tragicidade de nossa existência. Finalmente, para os que dizem que Tillich não orava, concluo com

54 Grace CALÍ, op. cit., p. 19-20.

uma oração do próprio Tillich, transcrita na conclusão de um de seus sermões⁵⁵:

Deus Todo-Poderoso!

Elevamos nossos corações a Ti em oração e ação de graças. Pois não nos pertencemos e nada é nosso, salvo aquilo que Tu mesmo nos dás. Somos seres finitos. Nada trouxemos para este mundo e nada levaremos dele. Tu nos deste a vida que será nossa enquanto for de Tua vontade. Damos-Te graças por nossa existência, por partilharmos as inesgotáveis riquezas da vida, desde as mais ínfimas até as mais grandiosas. Louvamos-te quando nos sentimos fortes no corpo e alma. Agradecemos-Te quando a alegria enche nossos corações. Somos agradecidamente conscientes de Tua presença, seja através de palavras, ou no silêncio.

Desperta-nos para esta consciência quando nossa vida cotidiana esconde Tua presença de nós, quando esquecemos quão perto Tu estás de nós em todos os lugares e em cada momento, mais próximo do que qualquer outro ser, mais próximo até do que nós estamos de nós mesmos. Não permitas que nos afastemos de Tua presença generosa e criadora e que nos entreguemos às coisas que Tu nos deste. Não nos deixes esquecer o Criador que está atrás da criação. Mantém-nos sempre prontos ao sacrifício de ação de graças a Ti.

A Ti pertence o que somos e temos. Nós o consagramos a Ti. Recebe nossa gratidão quando damos graças, consagrando nossa comida e com ela tudo aquilo que recebemos em nossa vida diária. Preserva-nos de usar palavras e formas vazias quando agradecermos a Ti. Salva-nos da rotina e da mera convenção quando ousamos falar contigo.

Nós Te agradecemos quando revemos nossa vida, seja ela curta ou longa, por tudo quanto encontramos nela. E agradecemos-Te não só pelo que amamos e por aquilo que nos deu satisfação, mas também pelo que nos trouxe desapontamento, dor e sofrimento, porque agora sabemos que isso tudo nos ajudou a realizar aquilo para que nascemos. E se novos desapontamentos e novos sofrimentos se apoderarem de nós e as palavras de gratidão desaparecerem em nossos lábios, lembra-nos que certamente virá o dia em que estaremos prontos a dar graças pelo caminho escuro no qual Tu nos conduziste.

Nossas palavras de gratidão são insignificantes, e, muitas vezes, sequer conseguimos achar uma palavra adequada. Há dias, meses e anos em que nem mesmo somos capazes de falar contigo. Dá-nos, nesses tempos, poder para mantermos nossos corações abertos à abundância de vida e, em silen-

⁵⁵ *The Eternal Now*, p. 183-185. Agradeço a preciosa colaboração do colega Prof. Dr. Carlos Alberto Faraco, que me auxiliou nesta tradução.

ciosa gratidão, experimentarmos tua eterna presença. Recebe o sacrifício silencioso de nossos corações quando as palavras de gratidão tornam-se raras em nós. Aceita nossa gratidão silenciosa e conserva sempre nossos corações e mentes abertos a Ti!

Agradecemos-te pelos dons que tens dado a essa nação e pelos dons que dás a outras nações. Mantém-nos agradecidos por isso, apesar dos perigos da superficialidade da vida e do vazio dos corações que ameaçam nosso povo. Impede que transformemos os dons que Tu nos dás em dons para causas injustas e para a autodestruição. Mantém nossas mentes agradecidas e protege-nos contra a desintegração pessoal e nacional. Conduze-nos a Ti, fonte de nosso ser, Deus Eterno.

Amém.